



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A SAÚDE MENTAL NO MUNDO CONTEMPORÂNEO E AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS DE DESINSTITUCIONALIZAÇÃO

Sônia Maria Ribeiro dos Santos

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

smrsantos@hotmail.com

Uma das perspectiva que buscam dar conta da realidade contemporânea é a visão do Pós-Modernismo. O pós-modernismo como tendência artística surge nos anos 30. Porém, a projeção do termo para o domínio público só vai ocorrer nos anos 70.

O pós-modernismo como fenômeno social será elaborado nos anos 70 a partir da publicação das obras de Fredric Jameson. A primeira obra filosófica considerada pós-moderna foi a “Condição pós-moderna” de Jean-Francois Lyotard publicada em Paris em 1979. Este livro versava sobre as implicações epistemológicas de avanços recentes nas ciências naturais.

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma breve interpretação da sociedade contemporânea à luz de alguns autores considerados pós-modernos, ressaltando o novo momento do capitalismo em sua interrelação com o que Fredric Jameson chamou de vida psíquica da sociedade. Demonstrar que a produção de novos saberes sobre a loucura, nesse contexto, mais que romper paradigmas elaborados no campo dos discursos, vão influenciar os movimentos reformistas das práticas institucionais e culturais no campo da psiquiatria tradicional em países da Europa e dos Estados Unidos em direção ao processo de desinstitucionalização do portador de transtorno mental.

De acordo com Anderson (1999), para Lyotard, a chegada da pós-modernidade ligava-se ao surgimento de uma sociedade pós-industrial na qual o conhecimento tornara-se a principal força econômica de produção. Ainda do ponto de vista do conhecimento, Lyotard considera que a pós-modernidade significa um estágio do desenvolvimento cognitivo e anunciava o eclipse de todas as narrativas da História como a redenção cristã, o progresso iluminista, o espírito Hegeliano, a unidade romântica, o racismo nazista, o equilíbrio Keynesiano bem como a Marxista e o Socialismo Clássico. Para ele a Condição Pós-moderna é anunciada como a morte da grande narrativa. Para Anderson “A Condição Pós- Moderna foi o primeiro livro a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

tratar da Pós-Modernidade como uma mudança Geral na condição humana.

Entretanto, de acordo com este autor, Lyotard não formulou um conceito de pós-modernidade com uma base temporal ou como acepção social e ficou preso ao conceito enquanto categoria estética.

A acepção Pós-Modernista de caráter social foi dada através da contribuição de Fredric Jameson. Dentre outras contribuições, na visão de Anderson, Jameson identificou o pós-modernismo como um estágio do capitalismo. O autor foi bastante influenciado pela publicação da obra “capitalismo Avançado” de Ernest Mandel – primeira teoria da História do Capital – a surgir desde a guerra e que forneceu a base empírica e conceitual para compreender o presente como uma configuração qualitativamente nova na trajetória do modo de produção capitalista.

Estabeleceu uma relação entre o momento do capitalismo multinacional e a cultura ao afirmar que:

(...) A cultura necessariamente expandiu-se ao ponto de se tornar praticamente coextensiva à própria economia, não apenas como base sintomática de algumas das maiores indústrias do mundo – com o turismo agora superando todos os outros setores em emprego global – mas de maneira muito mais profunda, uma vez que todo objeto material ou serviço imaterial vira, de forma inseparável, uma marca trabalhável ou produto vendável. A cultura nesse sentido, como inevitável tecido da vida do capitalismo avançado, é agora a nossa segunda natureza. (ANDERSON, 1999, p.66)

Ainda sobre a caracterização do novo momento do capitalismo, o autor ressalta a ruptura de toda a continuidade com o passado nos novos modos de organização do capital e destacava que em termos psicológicos, a economia de serviços fazia com que as pessoas estivessem tão afastadas da realidade da produção e do trabalho que as faziam sentir como habitantes de um mundo onírico de estímulos artificiais e experiências via TV.

Uma outra obra que também vai estimular o trabalho de Jameson é o texto de Baudrillard sobre o papel do simulacro no imaginário cultural do capitalismo contemporâneo. Em Pós-modernismo – A lógica Cultural do Capitalismo o autor afirma que mais que uma ruptura estética ou mudança epistemológica, a pós-modernidade torna-se o sinal cultural de um novo estágio na história do modo de produção reinante. (ANDERSON, 1999, p.66).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Jameson elaborou uma visão mais abrangente do pós-moderno na medida em que buscou a compreensão e as mudanças da cultura e da arte em geral e seu papel na sociedade pós-moderna, iniciando pela arquitetura, passando pelo cinema, a propaganda e o designer gráfico e pela arte pop. O autor vê a cultura como fenômeno histórico e social, considerando que a arte e a cultura não estão descoladas das realidades econômicas. Na visão do autor o pós-modernismo ocorre o incentivo ao consumismo que transforma a cultura em produto, assim o mercado substitui o cultural.

Ainda em relação à vida psíquica da sociedade, o pensamento pós-moderno encerra uma contradição, pois ao mesmo tempo em que nesta fase do chamado capitalismo tardio, não existe lugar para a coletividade, uma vez que todos visam o bem estar individual, por outro lado, ocorre uma padronização e uma quebra de identidade onde todos se igualam nos desejos, anseios e necessidade de consumo.

Também apontou as mudanças no campo científico e a ampliação do raio de investigação cultural, mostrando que as disciplinas começaram a perder suas delimitações claras, fazendo com que as investigações se tornassem híbridas e não mais situadas num ou noutro domínio, um novo fenômeno discursivo substituíra as velhas divisões das disciplinas. As obras de Foucault são o exemplo mais nítido da nova organização no campo intelectual, organização que assinalava uma ruptura fundamental com a modernidade.

Do ponto de vista dos objetivos deste trabalho chama atenção o exame que Jameson fez das alterações do sujeito no âmbito das transformações do capital e assim demonstrando quais foram as conseqüências dessa mudança no mundo objetivo para a experiência do sujeito. O segundo lance claro de Jameson foi uma exploração das metástases da psique nessa nova conjuntura. Inicialmente abordado num breve comentário sobre a “morte do sujeito”, o desenvolvimento desse tema logo se tornaria talvez a mais famosa de todas as facetas de sua interpretação do pós-moderno. Numa série de descrições fenomenológicas impressionantes, Jameson traçou o Lebenswelt (mundo da vida) característico da época como as formas espontâneas de sensibilidade pós-moderna.

Era uma paisagem psíquica, segundo ele, cuja base fora rompida pela grande agitação dos anos 60 – quando tantos invólucros de identidade tradicionais foram desfeitos – mas que agora, após as derrotas políticas da década de 70,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

se achava expurgada de todos os resíduos radicais. Entre os traços da nova subjetividade, com efeito, estava a perda de qualquer senso ativo de história, seja como esperança, seja como memória. O carregado senso do passado que caracterizara o modernismo já não existia – fosse como transpiração de tradições repressivas ou reservatório de sonhos frustrados – e desapareceu a intensa expectativa do futuro – como possível cataclisma ou transfiguração – que caracterizara o modernismo. No máximo, apagando-se num perpétuo presente, os estilos e imagens retrô proliferaram como substitutos do temporal. (ANDERSON, 1999, p.67-68)

Um outro fator que trouxe alteração no âmbito do sujeito é aquele provocado pela relação espaço-tempo (binômio importante na perspectiva da teoria pós-moderna). Ao falar da unificação eletrônica da terra por meio dos satélites, da fibra ótica e da ascendência do espaço sobre o tempo na constituição do pós-moderno que gera um desequilíbrio com a realidade, Anderson chama a atenção para uma passagem famosa na obra de Jameson em que o mesmo evoca a lição Kantiana, o “histórico Sublime” para captar de forma sardônica esta sensação.

Entendendo a histeria (numa perspectiva psicanalítica) como um exagero da emoção e um fingimento meio inconsciente de intensidade, Jameson afirma que esta é uma experiência pós-moderna, marcada pela “diminuição do afeto” que ocorre quando o velho eu amarrado começa a desgastar-se. Assim:

O resultado é uma nova superficialidade do sujeito, não mais seguro dentro de parâmetros estáveis nos quais os registros de alto e baixo são inequívocos. Mas, em compensação, a vida psíquica torna-se debilitantemente acidentada e espasmódica, marcada por súbitas depressões e mudanças de humor que lembram algo da fragmentação esquizofrênica. Esse fluxo oscilante e hesitante impede tanto a catexia como a historicidade. (ANDERSON, 1999, p.68)

As obras de Jameson, como vimos até aqui, são importantes para a compreensão, não só dos aspectos culturais, como também dos aspectos psíquicos e psicológicos da sociedade pós-moderna. Entretanto, consideramos também primordial salientar as pressuposições econômicas do pós-modernismo, o que faremos, através da “leitura” panorâmica de David Harvey.

Este autor tratou a condição pós-moderna através de uma série de contrastes entre a modernidade considerada fordista e a pós-modernidade considerada flexível. Segundo ele a modernidade fordista se caracterizou por uma:



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

(...) “fixidez e uma permanência relativas, pelo capital fixo na produção em massa, mercados estáveis, padronizados e homogêneos, uma configuração fixa de influência e poder políticos-econômicos, uma autoridade e metateorias facilmente identificáveis, um sólido alicerce na materialidade e na racionalidade técnico-científica e outras coisas dessa espécie. (HARVEY, 2002, p.303)

Já a flexibilidade pós-moderna é, de acordo com o autor, dominada pela ficção, pela fantasia, pelo imaterial, pelo capital fictício, pelas imagens, pela efemeridade e pela flexibilidade em técnicas de produção, mercados de trabalho e nichos de consumo. (HARVEY, 2002, p.303-305)

Esta situação econômica teve origem nos anos 70, período em que se inicia a derrocada do modelo de acumulação fordista-keynesiano e a transição ao modelo de acumulação flexível e da pós-modernidade.

Harvey como Jameson também captou de forma bastante perspicaz a dimensão psicológica da pós-modernidade, e ainda que, não se possa falar de um determinismo econômico no âmbito do cultural e do psicológico, é inegável que o “Estado Psíquico da Sociedade”, sofreu transformações na nova ordem. Segundo ele, a nova ordem engendrou profundas mudanças na estrutura do sentimento e do conhecimento.

Em relação ao segundo, Foucault criticou a razão centrada no sujeito, afirmando que tal elaboração se constitui em uma falsa antropologização da realidade. Para ele as ciências humanas colocaram o homem como centro das explicações que supostamente revelam a verdade de seu ser, história e destino futuro.

Segundo a visão de Michel Foucault, não é o homem “o sujeito conhecedor” que deve ser o fundamento das ciências humanas, o que precisa ser estudado são as práticas discursivas das ciências humanas, que constituem e constroem o homem. Derrida, também dá uma importante contribuição ao questionamento dos paradigmas criados na e pela modernidade ao produzir uma corrente de pensamento denominada “Desconstrucionismo”. Desconstrução será um dos termos mais expressivos de uma das experiências de transformação psiquiátrica – a experiência italiana, ainda que a mesma tenha se constituído com base na perspectiva Marxista.

Ao falar dos pressupostos psicológicos da pós-modernidade quanto a questões como a personalidade, a motivação e o comportamento Harvey, baseando-se em autores como Jameson, afirma que o modernismo produziu o homem “alienado” e o pós-modernismo, ao provocar a fragmentação e a efemeridade, produziu o homem



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

esquizofrênico.

Aponta as mudanças profundas que vão ocorrer no bojo da transição do fordismo à acumulação flexível no aspecto psicológico, estabelecendo uma relação entre a nova forma mais flexível de organização do capital e estas.

(...) O movimento mais flexível do capital acentua o novo, o fugidio, o efêmero, o fugaz e o contingente da vida moderna, em vez de valores mais sólidos, implantados na vigência do fordismo. Na medida em que a ação coletiva se tornou, em consequência disso, mais difícil – tendo essa dificuldade constituído, com efeito, a meta central do impulso de incremento do controle do trabalho – o individualismo exacerbado se encaixa no quadro geral como condição necessária, embora não suficiente, da transição do fordismo para a acumulação flexível. (HARVEY, 2002, p.161)

Ainda no aspecto cultural, demonstra que a instantaneidade, a efemeridade, a fragmentação e a falta de profundidade também se fez presente em boa parte da produção cultural como nas artes, arquitetura, cinema, dentre outras manifestações artísticas.

Como vimos, as teorias aqui expostas serviram para elaborar um “retrato” dos tempos atuais e cumpriram o objetivo de contextualizar o surgimento das novas produções teóricas, os novos saberes á respeito do fenômeno transtorno mental, especialmente no pensamento de Michel Foucault que irá se constituir em um dos importantes referenciais teóricos para os movimentos reformistas em saúde mental.

Michel Foucault (1978) identifica o que ele chama de “Idade Clássica” (séculos XVII e XVIII) como o momento em que se produziu, no mundo ocidental, uma fissura fundamental entre a Razão e a Desrazão. Este processo teve como correlato institucional a chamada “grande internação” que excluiu e confinou os habitantes do heterogêneo mundo do desatino, no qual conviviam loucos, miseráveis, libertinos, devassos, hereges, venéreos.

O marco adotado por Foucault é o édito do rei de França de 1676, determinando a criação de um Hospital Geral em cada cidade do reino. Estes “Hospitais”, longe de se assemelharem com o que hoje chamamos pelo mesmo nome, não tinham qualquer vocação médica ou terapêutica. Eram antes estruturas destinadas a receber em caráter de confinamento as múltiplas faces da desrazão. É importante frisar que este não foi um fenômeno francês ou irradiado a partir da França, mas se deu de forma mais ou menos concomitante em escala européia, com versões peculiares a cada país, no decorrer do



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

século XVII. (SERPA JR, 1999). Somente nos séculos XVIII e XIX a “loucura” passou a ser apreendida pelo conceito de alienação e mais tarde como doença mental.

Um dos autores a inaugurar uma leitura pós-moderna, Foucault faz uma reflexão crítica da loucura e das práticas psiquiátricas contemporâneas. Em sua obra “A História da Loucura na Idade Clássica” de 1961, o autor forneceu uma explicação e uma leitura que contrapôs e inverteu as explicações científicas da reorganização das instituições, evidenciando que, na verdade, o asilo surge em função de necessidades sociais, leia-se necessidades do capitalismo emergente e não das descobertas científicas. A História da Loucura na Idade Clássica representa um verdadeiro marco na história da psiquiatria e da loucura.

Para se entender os saberes e práticas acerca da enfermidade mental elaborados sob os paradigmas da modernidade, faz-se necessário entender como o pensamento e a organização social engendrada neste período histórico “fabricou” uma certa forma de se lidar, pensar a “loucura” enquanto fenômeno humano e social.

A forma de se lidar com a loucura tem se constituído em uma referência para se entender uma certa forma de exercício de poder típica da modernidade. Neste caso, marcada pela “alienação” e pela “institucionalização”, que se tornaram, neste contexto, uma regra geral e um princípio universal. Os escritos do pensador Espanhol Manuel Desviat ilustram bem essa idéia:

O grande enclausuramento descrito por Foucault, símbolo eloqüente do absolutismo, tinha que ser abolido. Suprimidas as *lettres de cachet* – ordens reais que permitiam, com autorização governamental, a internação de qualquer pessoa incômoda nas bastilhas do Antigo Regime -, o alienado já não podia ser enclausurado. Não podia porque as novas normas sociais necessárias ao desenvolvimento econômico proibiam a privação da liberdade sem garantias jurídicas. Daí por diante, a reclusão dos alienados passou a ter que ser definida como algo terapêutico e indispensável: o isolamento de um mundo externo perturbador, das paixões irritantes. Tratava-se de distrair a loucura, ocupando o espírito e o corpo, em lugares – os manicômios – nos quais os pacientes ficassem isolados, pois assim se atuaria “diretamente sobre o cérebro e se (condenaria) esse órgão ao repouso, afastando-o das impressões irritantes, reprimindo a vividez e a mobilidade das impressões e moderando as exaltações das idéias” (Esquirol, 1991). Essa era a pré-condição do tratamento alienista, do tratamento moral. Era preciso isolar o paciente da sociedade – de um meio, uma comunidade que gerava uma série de distúrbios. Para curá-los era preciso confiná-los, interná-los em lugares apropriados: os asilos (Esquirol, um dos primeiros alienistas, cunhou essa palavra fugindo do termo hospital, então ainda pejorativo). A psiquiatria era a garantia que salvava a legalidade. Surgiu a internação, o isolamento e o tratamento moral constituíram os elementos terapêuticos do movimento



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

alienista (Pinel, Esquirol, Georget, Ferrus, etc.). A loucura separou-se do campo geral da exclusão para se converter em uma entidade clínica que era preciso descrever, mas também atender em termos médicos, buscando sua cura. (DESVIAT, 1999, p.17)

A relação da desrazão com a razão está no cerne da perspectiva adotada por Foucault. Ao retratar uma experiência da loucura, o autor elabora uma acepção de experiência em que se “sobressai” o caráter fenomenológico na perspectiva de Edmund Husserl.

Conforme já afirmamos acima, para Foucault as Ciências Humanas deveriam se preocupar em estudar as práticas discursivas. Neste sentido, segundo (Brito (1999), a produção teórica da história da loucura, reflete o passado e o presente da Psiquiatria e permite a análise das formações de saber e de verdade que lhes são necessárias para se consolidarem como evidentes e naturais e tornarem-se dessa maneira invisíveis. Por outro lado, ainda de acordo com Brito, a análise desse mesmo saber, a existência dos discursos, dos enunciados que os constituem, dos sujeitos que os enunciam deve ser feita em função das estratégias de poder que a tornaram, simultaneamente, possível e necessária. Assim, a História da Loucura não é analisada por Foucault, levando-se em conta apenas o nível discursivo, mas também, o extra-discursivo, no caso as instituições que exercem esse poder sobre o “desarrazoad”, o louco: O Hospital Geral da Idade Clássica e o asilo da Modernidade.

Dentro da perspectiva epistemológica criada neste período, a “loucura passa a ter uma visibilidade específica. Michel Foucault é, mais uma vez, uma referência obrigatória para se entender o exercício do poder na modernidade ao trabalhar, também, com o sentido do ato terapêutico promovido pela clínica, que permite lançar visibilidade sobre o processo de saúde-doença, ao utilizar os mecanismos de internação como instrumento de poder e submissão.

Os escritos de Foucault não apenas inauguraram uma nova abordagem do fenômeno “Loucura”, mas também, parecem ter fornecido as primeiras elaborações que possibilitaram a análise da importância e da dimensão do conceito de alienação mental na definição do lugar social da loucura na sociedade moderna.

A concepção biologicista e moral da enfermidade mental, da subjetividade individualizada e alienada elaborada no século XVIII bem como a institucionalização da mesma através do confinamento do portador de distúrbios mentais no espaço asilar irá



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

perdurar até meados do século XX, quando surge a denominada “Nova Psiquiatria” com base em novos paradigmas e novas práticas.

Até o presente momento focamos nosso pensamento mais sobre as contribuições de Michel Foucault para o desvendamento e a crítica a uma certa maneira de se entender e de se lidar com o que foi denominado loucura antes dos séculos XVIII e XIX e o que foi denominado enfermidade mental e alienação dentro da visão científica instituída no período. Além dos motivos já suscitados que justificam o destaque ao pensamento de Michel Foucault, vale ressaltar que:

Ao ser acampado por Movimentos Sociais no pós-68 pelas mãos de antipsiquiatras que o livro História da Loucura na Idade Clássica chegou à Inglaterra e ao longo dos anos, aportaria em outros países, influenciando as reformas Psiquiátricas. (NUNES, 2009, p.35)

A busca de superação dos paradigmas clássicos vai culminar na elaboração de novos conceitos como o de Saúde Mental (contrapondo aos conceitos de alienação e enfermidade mental). Inclusive o conceito de saúde mental surge no bojo da crise teórica e prática da psiquiatria tradicional, que promove a mudança de seu objeto que deixa de ser a doença mental para ser a promoção da saúde mental, na proposta de desinstitucionalização, entendida como a desconstrução do asilo e do manicômio dentre outras propostas e concepções.

O modelo asilar já vinha sendo questionado em todo mundo há bastante tempo, porém, alguns fatores que ocorreram entre os anos 50 propiciaram o desenvolvimento dos novos saberes e das novas práticas como a “Nova Psiquiatria” que também irá influenciar e fornecer suporte teórico para a instituição de novas propostas em saúde mental.

As produções aqui apresentados são representativas das fundamentações teóricas e das primeiras tentativas de desmantelamento e questionamento do modelo asilar calcado nos paradigmas científicos dos séculos XVIII e XIX e XX. Entretanto, se estas elaborações teóricas produzidas nos anos 60 e 70 são extremamente importantes para a História da “doença mental”, vamos perceber que a partir dos anos 40 do século passado, no bojo de uma conjuntura favorável pós-segunda guerra mundial, floresceram, ao lado de movimentos que conclamavam a abolição do asilo, as mais importantes experiências práticas de transformação das políticas de saúde mental em



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

todo mundo. Estas experiências foram denominadas por estudiosos do tema como Movimentos de Reforma Psiquiátrica, um dos mais significativos processos de transformações internacionais em Saúde Mental.

Resguardadas as devidas especificidades dos sistemas sócio-políticos e sanitários dos países envolvidos, alguns conceitos elaborados pela ótica da teoria da Pós-Modernidade, principalmente na perspectiva Foucaultiana nortearam o processo de transformação e as tentativas de abolição do manicômio no que este tem de mais perverso que é o processo de institucionalização do portador de transtorno mental.

As idéias e conceitos advindos dos novos referenciais teóricos que desvendam as relações de poder subjacentes ao processo institucionalizador abrem reais possibilidades de se pensar em modelos de atenção em saúde mental não centrados na doença e sim no sujeito situado em suas especificidades histórico sociais como o sujeito do pós-modernismo descrito por Jameson. Isto significa, em última instância, pensar saúde mental em sua historicidade e na singularidade do sujeito portador do transtorno.

Este outro pensar elaborado no contexto da pós-modernidade descrita acima e a possibilidade de novas práticas sociais podem ser considerados como fundamentais em cada experiência desenvolvida nas diferentes sociedades, e ainda que os mesmos tenham sido reforçados ou abandonados à medida em que se prolongava o processo de transformação e de enfrentamento socioinstitucional dos distúrbios mentais, todas elas deixaram marcas e se tornaram referências para se pensar a saúde mental na perspectiva da desinstitucionalização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDERSON, P. As Origens da Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

BASAGLIA, F. A Instituição Negada: Relato de Um Hospital Psiquiátrico. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BRITO, I.G. Poder-Saber X Doença Mental. Tese Doutoral apresentada ao Programa de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1999.

DESVIAT, M. A Reforma Psiquiátrica. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

FOUCAULT, M. História da Loucura na Idade Clássica. 7 ed. São Paulo: 2000.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

PEIXOTO, M. G. A Condição Política na Pós-Modernidade, a questão da democracia. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2004.

SERPA JR, P. Por uma Assistência Psiquiátrica em Transformação. Cadernos do IPUB nº 3. 4 ed. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.